

Apresentação

Edina Laura Nogueira da Gama

Capitão de Mar e Guerra (RM1-T). Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da Escola de Guerra Naval. Especialista em História Militar pela Unirio. Membro efetivo do Instituto de Geografia e História Militar do Brasil (IGHMB). Assessora Técnica da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM).

Neste ano de 2015, e como anunciado na apresentação da última edição da Revista Navigator, estamos revisitando a atuação da Marinha Imperial na Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai, como parte das comemorações dos 150 anos da Batalha Naval do Riachuelo, reconhecida como um episódio decisivo na Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai.

Afinal, mesmo pouco conhecido pela historiografia brasileira, o triunfo da força naval imperial, composta por navios de casco de madeira e movidos a vapor sobre uma força que combinava navios e tropas paraguaias, determinou o controle aliado sobre a navegação do eixo fluvial dos rios Paraná e Paraguai, única ligação do adversário com o oceano. E apesar da guerra ter se prolongado por mais de cinco anos, a batalha, que se estendeu por quase todo um dia, definiu os rumos estratégicos do conflito. Isolado do mar e impedido de recompor suas perdas materiais para continuar mantendo iniciativa do ataque, ao Paraguai restava apenas se defender e retardar o avanço aliado sobre o seu território.

Tendo como motivação esta efeméride – 150 anos da Batalha Naval do Riachuelo –, a revista *Navigator*, no seu propósito de promover e incentivar o debate e as pesquisas sobre temas de história marítima no meio acadêmico, fez um convite aos seus leitores, professores, pesquisadores e alunos de história, para participarem do Dossiê sobre a História Naval e Militar da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai, abrindo ainda espaço às discussões políticas, sociais e econômicas do período. Fomos plenamente atendidos.

Assim, optamos por dedicar todo o espaço dessa Edição, e da próxima, no segundo semestre de 2015, aos trabalhos voltados a reflexões e abordagens sobre a Guerra da Tríplice Aliança. E não poderia ser diferente, diante de originalidade e multiplicidade dos artigos, das abordagens diferenciadas de aspectos da política e da guerra, dos novos olhares sobre

os objetos em estudo, trazendo diálogos à memória das instituições militares, revitalizando, ainda, a historiografia brasileira e, especialmente, a historiografia militar e naval do período.

Johny Santana de Araújo analisa as transformações do poder naval brasileiro no século XIX, relacionando-as às rápidas mudanças dos padrões de guerra naval, postando o avanço tecnológico havido na Armada Imperial como responsável pela hegemonia naval brasileira no Atlântico Sul, sobretudo após a Batalha Naval do Riachuelo.

O artigo do pesquisador argentino **Sergio Fernandes Sanchez** faz uma reflexão da situação econômica e militar da Argentina de 1852 até o início da Guerra da Tríplice Aliança contra o governo do Paraguai. Ao visitar também a própria situação política de um de nossos aliados no conflito, consolida a hipótese do despreparo do país para a guerra que se anunciava, em face de suas próprias problemáticas internas.

José Miguel Arias Neto, fazendo uso de fontes afetas a imprensa (geral e militar), diários, memórias, crônicas, folhetos e imagens, trabalha, num texto original, as representações, a memória e as apropriações desse embate pelos grupos políticos e militares, passando o Segundo Reinado, até os anos 1920 com reflexões sobre possíveis significados contemporâneos.

Francisco Eduardo Alves de Almeida dialoga com a historiografia inglesa produzida sobre a Batalha Naval do Riachuelo, onde as ações da Marinha do Brasil são muito criticadas. No emprego de discussões sobre a história e seus professores, teorias e métodos, analisa cinco controvérsias latentes ao longo desses 150 anos: posição inicial da Força Naval Imperial, comparação de poderes combatentes, início da batalha, atuação de Francisco Manoel Barroso no combate e o seu aspecto decisivo.

André Cezar Siqueira relata a participação do Exército Brasileiro no episódio, revisitando toda uma historiografia a respeito desta operação, vista como uma ação conjunta da Marinha Imperial e do Exército Brasileiro.

Já **Álvaro Pereira do Nascimento** trata da vida de Marcílio Dias na Marinha Imperial desde seu recrutamento, até sua morte decorrente do combate. Numa investigação criteriosa, rica em fontes primárias e secundárias, analisa a construção histórica do mito e sua bravura, que fez desse marinheiro “uma memória reverenciada e lembrada pedagogicamente a estudantes civis e militares”.

Vitor Izecksohn faz uso de considerações acerca da contextualização histórica das participações negras na tradição militar luso-brasileira, ao tratar da mobilização militar de escravos libertos para a guerra (em especial o recrutamento no Exército). Dialoga com vários conceitos e paradoxos caros à historiografia brasileira, como patriotismo, cidadania, as instituições em crise no ocaso do Império, revitalizando este tema tão complexo.

Anderson de Rieti Santa Clara dos Santos apresenta a análise inédita de um documento – a composição musical do voluntário da pátria pernambucano Felipe Néri de Barcellos, composta durante a Guerra da Tríplice Aliança contra o Paraguai, provavelmente pouco depois da Batalha Naval do Riachuelo, e que tem esse título, fonte relevante no diálogo multifacetado para com a história cultural e social do período, abrindo discussões e debates para outras leituras do texto.

Francisco Doratioto analisa as três tentativas de armistício havidas durante a Guerra do Paraguai, considerando duas como intencionais e uma circunstancial. Episódios pouco abordados pela historiografia brasileira. O autor trabalha com as expectativas políticas e militares da época na justificativa dos seus fracassos, com o concurso de fontes relevantes.

Aureliano Pinto de Moura nos traz a atuação do Corpo de Saúde do Exército durante a Guerra. O seu relato detalhado sobre o esforço empreendido no emprego de um efetivo de médicos, farmacêuticos e enfermeiros no teatro de operações comprova a dimensão da logística desse evento bélico, tido com o segundo maior das Américas, abrindo perspectivas historiográficas a outros campos da história.

O dossiê continua na próxima edição. A todos os autores que escolheram a *Navigator* para apresentar suas pesquisas, o nosso agradecimento. Aos nossos leitores, uma boa leitura.